

TERREIROS DIANTE DA PANDEMIA:

espiritualidade, ritualística e imaginário em Macapá, Amapá

TERREIROS IN THE FACE OF THE PANDEMIC:

spirituality, rituals and imagery in Macapá, Amapá

TERREIROS ANTE A PANDEMIA:

espiritualidad, rituales e imaginaria em Macapá, Amapá

TERREIROS FACE À LA PANDÉMIE:

spiritualité, rituel et imaginaire à Macapá, Amapá

Glenda de Oliveira Vital

Bacharela em Ciências Sociais, Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Amapá, Brasil.

vitalglenda@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3632-1802>

David Junior de Souza Silva

Doutor em Geografia, Universidade Federal de Goiás; Professor do Mestrado Profissional Interdisciplinar em Estudos sobre Cultura e Política da Universidade Federal do Amapá – PPCULT/UNIFAP, Amapá, Brasil.

david_rosendo@live.com

<http://orcid.org/0000-0003-2336-4870>

Recebido em: 29/05/2025

Aceito para publicação: 20/06/2025

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo compreender como com a chegada da Covid-19 em Macapá-AP e com as restrições sanitárias impostas pelos órgãos públicos que visavam a menor disseminação do vírus na cidade, as casas e terreiros de umbanda e candomblé adaptaram e reinventaram suas práticas e ritos, tendo em vista que uma das determinações era a proibição de 'eventos religiosos em templos ou locais públicos, de qualquer credo ou religião'. As religiões afro-brasileiras sempre tiveram uma relação muito forte no que diz respeito à saúde física, mental e espiritual dos indivíduos, o que torna inegável a importância de entender como com a disseminação da Covid-19 afetou a ritualística destas religiões, tendo em vista que estas são religiões de muito contato e possuem diversas particularidades em seus rituais que não se encaixam com as recomendações das autoridades de saúde, a grande questão a ser abordada é compreender como os religiosos lidaram e adaptaram seus cultos e ritos durante o período de isolamento e qual a visão destes para com a pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina, Comunidades Tradicionais, Amazônia.

Abstract

The present research aims to understand how, with the arrival of Covid-19 in Macapá-AP and with the health restrictions imposed by public bodies that aimed to reduce the spread of the virus in the city,

Umbanda and Candomblé houses and terreiros adapted and reinvented their practices and rites, considering that one of the determinations was the prohibition of 'religious events in temples or public places, of any creed or religion'. Afro-Brazilian religions have always had a very strong relationship with regard to the physical, mental and spiritual health of individuals, which makes it undeniable the importance of understanding how the spread of Covid-19 affected the rituals of these religions, in view of that these are religions with a lot of contact and have several particularities in their rituals that do not fit with the recommendations of the health authorities, the big question to be addressed is to understand how the religious dealt with and adapted their cults and rites during the period of isolation and What is their view of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina, Traditional Communities, Amazon.

Resumen

Esta investigación pretende comprender cómo, con la llegada del Covid-19 a Macapá-AP y con las restricciones sanitarias impuestas por los organismos públicos con el objetivo de reducir la propagación del virus en la ciudad, las casas y terreiros de Umbanda y Candomblé adaptaron y reinventaron sus prácticas y ritos, dado que una de las determinaciones fue la prohibición de "actos religiosos en templos o lugares públicos, de cualquier credo o religión". Las religiones afrobrasileñas siempre han tenido una relación muy fuerte con la salud física, mental y espiritual de los individuos, lo que hace innegable la importancia de entender cómo la propagación del Covid-19 ha afectado a los rituales de estas religiones, Dado que se trata de religiones con mucho contacto y que tienen varias particularidades en sus rituales que no encajan con las recomendaciones de las autoridades sanitarias, la gran cuestión a abordar es entender cómo los religiosos afrontaron y adaptaron sus cultos y ritos durante el periodo de aislamiento y cuál es su visión frente a la pandemia del Covid-19.

Palabras clave: Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina, Comunidades Tradicionales, Amazonia.

Résumé

Cette recherche vise à comprendre comment, avec l'arrivée du Covid-19 à Macapá-AP et les restrictions sanitaires imposées par les organismes publics dans le but de réduire la propagation du virus dans la ville, les maisons et terreiros de l'Umbanda et du Candomblé ont adapté et réinventé leurs pratiques et leurs rites, étant donné que l'une des déterminations était l'interdiction des "actes religieux dans les temples ou les lieux publics, quelle que soit la croyance ou la religion". Les religions afro-brésiliennes ont toujours eu une relation très forte avec la santé physique, mentale et spirituelle des individus, d'où l'importance indéniable de comprendre comment la propagation du Covid-19 a affecté les rituels de ces religions, Étant donné que ces religions ont beaucoup de contacts et que leurs rituels présentent plusieurs particularités qui ne correspondent pas aux recommandations des autorités sanitaires, la grande question qui se pose est de comprendre comment les religieux ont affronté et adapté leurs cultes et rituels pendant la période d'isolement et quelle est leur vision face à la pandémie de Covid-19.

Mots-clés: Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina, Communautés traditionnelles, Amazonie.

Introdução

Em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan na China, surgiu uma nova variante do Coronavírus capaz de produzir quadro de Síndrome Respiratória Aguda Grave, sendo declarado como uma emergência de saúde pública mundial pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Este vírus foi denominado SARS-CoV-2, e ocasiona a doença classificada como Covid-19. Devido sua enorme capacidade de transmissão a Covid-19 espalhou-se pelo mundo rapidamente tendo o primeiro caso no Brasil confirmado em 26 de fevereiro de 2020 na cidade

de São Paulo, segundo dados do Ministério da Saúde. Após esta primeira notificação o número de casos no país cresceu exponencialmente chegando ao estado do Amapá em 20 de março, porém, ainda no dia anterior o Governo do Estado do Amapá (GEA) instituiu o primeiro decreto que visava a contenção da contaminação pelo Sars-CoV-2.

Dentre as muitas restrições estabelecidas pelo Decreto Nº1414 de 19 de março de 2020, estava a proibição de “eventos religiosos em templos ou locais públicos, de qualquer credo ou religião”, sendo assim, os religiosos dos segmentos afro-brasileiros também foram inclusos em tal determinação, exigindo que estes modificassem seus ritos e todo um contexto de convívio social entre os fiéis e o público que procurava diariamente as casas e terreiros em busca de algum auxílio. Considerando que as religiões afro-brasileiras possuem uma ritualística de muito contato entre os seus praticantes e, de maneira geral, costuma-se haver nas atividades das casas um grande número de pessoas, manter estas dinâmicas no cenário pandêmico vai de encontro às recomendações das autoridades de saúde. Sendo assim, os líderes e adeptos religiosos tiveram que adaptar-se a esta nova realidade de modo que a fé continuasse a ser vivenciada e ainda lidar com os impactos pessoais no cotidiano destes diante da pandemia.

Quanto aos objetivos a serem alcançados nesta pesquisa o principal é a compreensão de quais adaptações foram feitas durante o período de isolamento social. De maneira mais específica, busquei entender o que mudou na rotina social e ritualística das casas, o que foi necessário parar de fazer ou adaptar para encaixar no cenário atual. Quais os auxílios espirituais procurados pelo público neste momento de crise, e se estes auxílios tinham ou não relação com a Covid-19. Por fim, compreender qual a cosmovisão dos religiosos para com as razões da pandemia estar acontecendo e qual a perspectiva destes para com o futuro. A coleta de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas, seguindo um determinado número de questões principais e específicas, em uma ordem prevista, sendo livre para incluir outras questões (LIMA, 2016, p. 27). As entrevistas foram realizadas em casas e terreiros de candomblé e umbanda localizados em diferentes pontos de Macapá. Pela razão de manter o sigilo e privacidade dos religiosos, os nomes dos entrevistados foram trocados para nomes fictícios, o nome das casas também foram mantidas em sigilo, mantivemos apenas os bairros em que estão localizadas. Foram entrevistados nesta pesquisa nove religiosos, sendo seis líderes e três filhos de santo em desenvolvimento. Quanto aos segmentos a qual pertencem, dois declararam pertencer somente ao candomblé, um declarou pertencer a umbanda e ao candomblé, dois ao tambor de mina e umbanda e os quatro restantes como praticantes somente da umbanda.

A primeira religiosa a ser entrevistada, em setembro de 2020, foi a senhora Mariana, paraense de setenta e três anos praticante da umbanda. Os encontros foram realizados em sua casa no bairro Buritizal, zona sul de Macapá e apesar de não se denominar como mãe de santo, ela é a líder da casa. No mesmo dia, conversamos com sua sobrinha Diana de trinta e oito anos, filha de santo da casa que está em desenvolvimento sob a responsabilidade da senhora Mariana. No dia em questão tivemos a oportunidade de conversar pessoalmente com as duas religiosas na casa da líder, evidentemente tomando todos os cuidados necessários para a prevenção da Covid-19. Em outubro de 2020 tivemos a oportunidade de falar com mais seis religiosos, sendo eles o sacerdote Sandro, o filho de santo Márcio, a sacerdotisa Carolina, o pai de santo Ricardo, o filho de santo Antônio e a mãe de santo Verônica.

O religioso Sandro de trinta e um anos, paraense, é praticante da umbanda e candomblé, sua casa fica localizada no bairro do Congós. Por escolha do próprio entrevistado, nossa conversa se deu de maneira remota através de vídeo chamada do aplicativo WhatsApp; logo, não tivemos oportunidade de conhecer o terreiro, porém, em nada nossa conversa foi prejudicada pelo meio a qual se deu. Também de forma remota se deu a entrevista com o filho de santo Márcio de vinte e sete anos, amapaense praticante do candomblé da nação éfon localizado no bairro Novo Buritizal.

Posteriormente, tivemos a oportunidade de conversar pessoalmente com a mãe de santo Carolina, líder de uma das casas mais tradicionais de Mina nagô e umbanda no estado do Amapá. A amapaense de cinquenta e nove anos está há treze anos no comando da casa que fica localizada no bairro do Centro da capital. O sacerdote umbandista de trinta e sete anos, Ricardo lidera seu terreiro localizado no bairro Fazendinha, também optou pela entrevista presencial em sua casa onde os encontros por ele presididos ocorrem. O filho de santo Antônio recebeu-nos em seu local de trabalho, devido ao fato da casa a qual pertence ainda estar fechada na data da entrevista. O amapaense de quarenta e um anos pertence a um terreiro localizado no bairro São Lázaro na zona norte de Macapá, onde é praticante do Tambor de mina e da umbanda. Também na zona norte da cidade, mais especificamente no bairro Novo Horizonte, fica localizada a casa da sacerdotisa Verônica de trinta e quatro anos, amapaense, que também optou pela entrevista presencial e é praticante do candomblé e da umbanda.

Por fim, a última entrevistada foi a sacerdotisa Kátia, amapaense de trinta e três anos que nos recebeu em seu terreiro de candomblé e umbanda, localizado no bairro Buritizal. A entrevista aconteceu somente em dezembro de 2020, porém estava marcada para novembro, pois a crise elétrica pelo qual o Amapá passou no referido mês impossibilitou nosso encontro, tendo em vista que o estado passou o total de vinte e dois dias sem energia elétrica em treze dos seus dezesseis municípios, incluindo a capital.

No que diz respeito a análise do material coletado, foram sistematizadas as experiências relatadas fazendo um comparativo entre as informações com o intuito de buscar o que é comum e o que é singular entre os participantes, e com isso respondidas as questões levantadas na pesquisa. Este artigo está estruturado em três sessões, em que na primeira apresentamos um breve apanhado histórico-sociológico acerca da pandemia da Covid-19, seu surgimento, os efeitos sociais e ambientais ocasionados por ela. Também é apresentado nesta sessão os conceitos de saúde e religião trabalhados na pesquisa. Na segunda sessão caracterizamos as religiões afro-brasileiras que serão trabalhadas, suas origens, seus ritos e como estas se desenvolveram e adaptaram-se ao contexto amazônico, sua própria constituição e influências. Por fim, na última sessão apresentamos os dados coletados na pesquisa de campo, os resultados da análise das entrevistas com os religiosos retratando o cotidiano e a ritualística das casas e terreiros antes da pandemia e quais as mudanças ocorridas com a pandemia. Por último, será narrado a perspectiva dos religiosos em relação a pandemia como um todo.

A crise da Covid-19

Ao longo desta seção faremos um apanhado histórico-sociológico a respeito do surgimento da pandemia da Covid-19, e o cenário que se formou especialmente no Brasil com a chegada da

doença e suas consequências sociais. Também apresentamos de forma breve as religiões afro-brasileiras que serão trabalhadas no decorrer desta pesquisa e suas possíveis respostas à pandemia. Discorreremos acerca da importância que a temática saúde e doença têm dentro do contexto destas religiões, e como em uma situação de crise social e de saúde como a pandemia o apoio da religião e da espiritualidade se torna ainda mais forte.

A pandemia caracteriza-se quando uma doença, que já está em fase de epidemia, ou seja, já causou um contágio generalizado sem limites espaciais ou de tempo, provocando um excessivo número de vítimas sem distinção de classe social, sexo, idade ou raça, se espalha para as mais diversas regiões geográficas, como num continente ou mesmo em todo o planeta. Neste contexto, há um contágio intercontinental de enormes proporções capaz de ocasionar profundas transformações na conjuntura demográfica, política e econômica (BARATA, 2020).

Em dezembro de 2019 o mundo acompanhava o surgimento de uma doença desconhecida, na cidade de Wuhan na China. A doença evoluía de maneira assustadora com sua grande capacidade de transmissão, em 31 de dezembro de 2019 a pneumonia de origem não conhecida foi relatada pela primeira vez à Organização Mundial da Saúde (OMS), e em janeiro de 2020 foi declarado pela OMS uma Public Health Emergency of International Concern (Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional). Até então a nova doença não possuía um nome e era apenas associado a seu local de origem, o “vírus chinês” (MARQUES, PIMENTA e SILVEIRA, 2020).

Mais tarde, o Comitê Internacional de Taxonomia de Vírus propôs um nome para o vírus: Síndrome Respiratória Aguda Grave Síndrome Coronavírus Dois, ou Sars-CoV-2. Finalmente, em 11 de fevereiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) deu a doença um nome oficial: COVID-19. (MARQUES, PIMENTA e SILVEIRA, 2020, p.226:227).

Ainda em janeiro de 2020, a Covid-19 ultrapassou as fronteiras chinesas e os primeiros casos foram anunciados na Coreia, Tailândia e Japão. Deste momento em diante, fronteiras de países vizinhos à China começaram a ser fechadas, com controle de viajantes procedentes do país, quarentena de passageiros e de navios inteiros. Companhias aéreas suspenderam voos para a China, e as máscaras tomaram as escolas, comércio, transportes na Europa, as ruas esvaziaram-se e deu-se início ao isolamento social. No dia 25 de fevereiro, o primeiro caso foi confirmado no Brasil, sendo também o primeiro na América do Sul. (MARQUES, PIMENTA e SILVEIRA, 2020, p.231).

Em março do mesmo ano a doença já havia atingido cinco continentes e crescia de maneira descomunal, tanto em número de casos quanto em número de mortos. Acompanhando esse caos, a pandemia da Covid-19 trouxe consigo o colapso do sistema de saúde, a solidão dos que se encontravam doentes, a morte sem oportunidade de rito ou despedida, covas coletivas e o desespero total daqueles que ficaram. A pandemia trouxe à tona, no que se refere ao Brasil, um velho problema, que se tornou ainda mais evidente neste momento, a desigualdade social e a necropolítica vigente no país.

A necropolítica (MBEMBE, 2018), refere-se ao poder apropriado pelo Estado que determina por meio de ações ou omissões quem pode morrer e quem pode permanecer vivo. Este controle sobre a mortalidade tornou-se explícito durante a pandemia no Brasil, a exposição ao vírus, o acesso ao tratamento e direito a equipamentos de respiração, tudo foi ditado por qual grupo

social cada indivíduo pertence. O vírus foi o aliado perfeito para a aceleração da necropolítica brasileira.

A população encontra-se hoje tão dividida em categorias que nos são apresentadas duas curvas, a das classes médias e altas e a dos matáveis, aqueles que precisam continuar trabalhando, que precisam ficar horas na fila do banco para receber um auxílio emergencial, aqueles e aquelas que já não contribuem para a previdência, os idosos, os dispensáveis, os que não podem ficar em casa. O mercado fica calmo quando os que morrem são os que devem morrer. Assim, se a segunda curva ainda cresce, não é preciso temer que a economia vá quebrar, pois há uma grande reserva de mão de obra excedente esperando. Sempre haverá aqueles cujas vidas não valem mais do que o salário que ganham, já que, sem este, morrerão de qualquer modo. (JOURDAN in GHIRALDELLI, 2020 p.117-118).

Além da intensa crise humanitária causada pela pandemia do Covid-19 outras crises também são percebidas concomitantemente, como por exemplo, a crise climática e a perda da biodiversidade. Estas crises estão inteiramente interligadas umas com as outras, segundo Artaxo (2020), há milhares de vírus desconhecidos que ainda vivem em equilíbrio na flora e fauna, contudo se a perda da biodiversidade prosseguir da forma que está se dando é questão de tempo para que um novo vírus migre da Amazônia para outras regiões causando prejuízos tão grandes quanto o causado pelo Sars-CoV-2.

A saúde da população é dependente de aspectos sociais, econômicos, ambientais e de políticas públicas que integrem essa questão como estratégia para o desenvolvimento do país, estado ou município. [...]. Os impactos na saúde resultantes das alterações climáticas globais dependerão do estado geral de saúde das populações expostas que, por sua vez, dependem de condições dos determinantes sociais da saúde como a cobertura de saúde universal, a governança socioambiental, políticas públicas e os rumos do modo de desenvolvimento do país. O clima tropical e as alterações ecossistêmicas favorecem o desenvolvimento de patógenos. (ARTAXO, 2020, p.59).

Os países em desenvolvimento foram os primeiros a sofrer com os impactos socioeconômicos ocasionados pelas mudanças climáticas e todas as suas consequências. O desequilíbrio entre política, sociedade e meio ambiente é uma das mais fortes causas das desigualdades sociais, e em um cenário como o da pandemia esta problemática se torna mais visível e numa política neoliberal, como a atualmente regida no Brasil, esta acaba sendo um problema maior e mais perigoso que o próprio vírus.

Levando em conta todos esses pontos no que diz respeito à pandemia, é possível afirmar que esta é para a sociedade, conforme Marcel Mauss (2003, p.309), um “fato social total” ou geral. Esta comparação pode ser feita, pois os fatos sociais totais são aqueles que põem em ação a totalidade da sociedade e de suas instituições. Segundo Mauss, esses fenômenos são ao mesmo tempo jurídicos, econômicos, religiosos, estéticos e até mesmo morfológicos.

É possível observar esta característica através de como a pandemia da Covid-19 afetou os mais diversos âmbitos da sociedade e suas instituições. No que concerne às religiões afro-brasileiras a questão é a mesma, os impactos e a adaptação que se fez necessária, a resistência e o enfrentamento à doença na dimensão espiritual, mental, física e social.

Com as drásticas mudanças ocorridas na vida de todos os indivíduos com o início da pandemia da Covid-19, muitos buscaram na religião e na espiritualidade o apoio para enfrentar esta crise. Aqui entende-se a religião como:

[...] (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989, p.67).

É necessário compreender que a busca pela espiritualidade no contexto pandêmico, tendo em vista que esta independe de fazer parte de uma religião específica. Segundo Lucchetti et al (2010, p.155), a espiritualidade está relacionada a uma busca pessoal para compreender questões da vida, seu sentido e as relações com o sagrado, sendo que esta busca pode ou não levar a praticas religiosas.

A religião e a espiritualidade são amplamente reconhecidas como essenciais para uma melhora na saúde, a visão de que estes fatores devem ser considerados ao se tratar do bem-estar dos indivíduos modificou, de acordo com Barth (2014, p.98), a compreensão do que é saúde.

Segundo Spezani et.al (2020, p.11), as crenças e emoções influenciam de maneira significativa a visão dos indivíduos sobre o mundo e no que diz respeito à compreensão do que é a pandemia, a prática religiosa pode ser entendida como um importante ponto de equilíbrio psicossocial dos seus adeptos. Em sua pesquisa estes autores e autoras abordaram o pensamento de umbandistas do Rio de Janeiro em face a pandemia da Covid-19, onde apresentaram alguns importantes dados a respeito do posicionamento destes diante do atual cenário. Quanto a questão do significado da pandemia os autores apresentaram algumas alternativas para os religiosos e estes respondem se concordam ou não. Sobre a probabilidade da pandemia da Covid-19 ser uma oportunidade de reflexão e imposição de limites aos erros frequentes cometidos pelos seres humanos atualmente 79% concordaram e 6% discordaram. Neste ponto é possível perceber pelas respostas dos religiosos a ideia da necessidade de mudança através do comportamento humano, em especial no âmbito moral e ético.

De certa maneira, este é um cenário que permite a reflexão, pelo menos para a maioria dos participantes, sobre a desaceleração do modo de vida com o qual muitas pessoas no mundo estão vivendo, invertendo valores e almejando cada dia mais os bens materiais, acúmulo de riquezas e relações superficiais, em detrimento de uma vida com paz, tranquilidade e consciência sobre o que realmente importa no tempo presente. (SPENAZI et.al, 2020, p.12).

Quanto à possibilidade de a pandemia ser um castigo divino que está recaindo sobre o planeta, 51% discordaram intensamente e apenas 9% concordaram com a afirmativa. Este cenário reflete uma visão menos voltada a culpabilização dos deuses pelos males que acometem a humanidade, os indivíduos tem tomado para si ou até encontrado outras explicações para justificá-los e compreende-los (SPENAZI et al, 2020, p.13). Apesar de voltada para o aspecto religioso, os autores destacam as respostas dos religiosos quanto a questão da possível solução para a Covid-19, onde estes demonstram uma valorização da ciência, onde a religião não é sua inimiga e sim uma aliada para a cura completa.

Embora a religiosidade tenha sido um dos critérios para a participação no estudo, 91 (91%) acreditam que a principal solução da pandemia depende das descobertas científicas e apenas 9 (9%) afirmam que dependia das orações/preces/religiões. (SPENAZI, et.al, 2020, p.15).

Na pesquisa conduzida por Rivas (2020) com lideranças religiosas do candomblé e da umbanda da cidade de Itanhaém – SP, a autora expõe importantes dados acerca das adaptações que estes realizaram em suas casas com o advento da pandemia, dando enfoque ao poder de decisão dos sacerdotes e a não unanimidade de opiniões.

Ao tratar sobre o uso de máscaras de proteção nos cultos dentro do terreiro, Rivas (2020, p.41) afirma que 80% dos seus entrevistados adotaram a prática em suas casas, mesmo que em algumas tradições esta seja vista como um impedimento, devido a grave situação da pandemia este foi algo que precisou ser revisto.

[...] verificamos que 90% das lideranças restringiram suas atividades, para atendimento internos, com poucas pessoas, ou a distância, sempre usando máscaras, álcool em gel e distanciamento social, exceto o caso de uma liderança que faz atendimento virtualmente e, nesse caso, não usa máscara porque não há proximidade. (RIVAS, 2020, p. 42).

Outro ponto importante a ser observado neste contexto é a questão digital. Quanto ao uso de canais virtuais de comunicação é interessante perceber a importância desta tecnologia durante o período de isolamento social como uma importante ferramenta para manter alguns ritos, como o jogo de cartas, atendimentos sem a incorporação de entidades e até mesmo com a incorporação destas. De acordo com Rivas (2020, p. 45), por mais que estes atendimentos virtuais não sejam considerados pelos religiosos a mesma coisa que o contato direto com os filhos/filhas e consulentes, neste cenário este tipo de atendimento foi considerado possível de se realizar.

Com o objetivo de uma melhor compreensão de como a pandemia do Covid-19 obrigou os religiosos do candomblé e da umbanda a modificarem seus ritos e toda sua forma de vivenciar sua fé se faz necessário compreender a história e a formação dessas religiões, em especial no contexto amazônico onde a pesquisa se insere, com todas as suas influências e particularidades históricas, sociais e cosmológicas.

Candomblé e Umbanda

A seguir faremos um breve apanhado acerca das religiões afro-brasileiras abordadas na pesquisa, suas origens, influências e particularidades, destacando o candomblé e a umbanda que serão as mais trabalhadas e no qual a maioria dos religiosos entrevistados faz parte. Também ganharam destaque aqui o Tambor de Mina e a Pajelança ou Pena e Maracá, sempre presentes nas religiões afro-brasileiras na Amazônia.

No Brasil o candomblé se destaca no âmbito da religiosidade afro-brasileira, como o culto aos orixás, sendo desenvolvido no país com base nos conhecimentos trazidos pelos africanos trazidos na condição de escravizados, onde estes trouxeram sua cultura, crenças, deuses e idiomas durante os quase 400 anos de escravidão no Brasil.

Devido a diversos fatores como a repressão que essa religião sofreu nos primeiros momentos de sua existência em razão de toda a questão social, política e racial existente no Brasil, é muito difícil dizer quando o candomblé começou oficialmente no país. Porém, é inegável a força e que esta religião adquiriu com o passar do tempo, espalhando-se por todo o território nacional e até mesmo fora deste, levando em conta que o candomblé também é praticado em alguns países como Uruguai, Venezuela e Argentina (NASCIMENTO, 2010, p. 935). Esta expansão e universalização foram essenciais para uma reconstrução da cultura e religiosidade dos povos escravizados, sendo este um importante movimento de resistência e um símbolo cultural religioso brasileiro.

A palavra candomblé é de origem Bantu (do Kimbundu) e vem de uma junção das palavras KANDOMBE-MBELE que tem o significado de: Pequena casa de iniciação dos negros. Segundo alguns pesquisadores Candomblé seria ainda uma modificação fonética de Candombé, um tipo de atabaque usado pelos negros de Angola; ou que viria de Candonbidé, que quer dizer ato de louvar, pedir por alguém ou por alguma coisa. (NASCIMENTO, 2010, p. 934 – 935).

Já a umbanda possui uma origem mais recente e traz essa identidade muito forte por parte de seus adeptos de ser uma religião tipicamente brasileira, sincrética, e formada através da junção de ritos católicos, cultos indígenas, a religiosidade africana e os preceitos kardecistas. Surgindo por volta dos anos de 1920, quando kardecistas pertencentes a classe média do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, introduziram em suas práticas elementos religiosos afro-brasileiros.

É muito difícil dizer com precisão em que momento começaram a “baixar” nas sessões espíritas kardecistas as entidades dos cultos afro, ou quando estes começaram a absorver os valores kardecistas. Contudo, a história de formação de um dos terreiros de umbanda mais conhecidos do Rio de Janeiro, o Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade, possibilita a compreensão dos princípios básicos que estruturaram a nova religião. (SILVA, 2005, p.110).

Segundo Prandi (2003, p.20) a umbanda nasce inserida a um processo de branqueamento e ruptura com símbolos e características africanas, propondo-se como uma religião para todos, e um símbolo de identidade da mestiçagem brasileira que se formava nas primeiras décadas do século XX. É essencial entender que apesar de seus conceitos ritualísticos gerais que se repetem nos terreiros independentemente de sua região, cada um destes tem sua autonomia e cada líder rege a sua casa à sua maneira. Dessa forma:

Candomblé e umbanda são religiões de pequenos grupos que se congregam em torno de uma mãe ou pai de santo, denominando-se terreiro cada um desses grupos. Embora se cultivem relações protocolares de parentesco iniciático entre terreiros, cada um dele é autônomo e autossuficiente [...]. (PRANDI, 2003, p.24).

A estruturação destas religiões se mistura a um contexto de relações políticas, sociais e econômicas estabelecidas entre negros africanos, ameríndios e europeus. Cada um influenciando à sua maneira na formação das religiões afro-brasileiras, influências essas que perduram até hoje, sendo válido destacar que no cenário amapaense esta ação ameríndia se dá de maneira muito forte através dos seus mais diversos modos de viver, relação com a natureza, o conhecimento do manuseio dos mais variados tipos de ervas, plantas e o conhecimento da

fauna e flora local de maneira geral. De acordo com Cordeiro (2017, p.29), não seria impertinente dizer que, no Amapá, por todo esse contexto, as religiões afro-brasileiras seriam mais bem definidas como afro-indígenas-brasileiras.

Além da umbanda e do candomblé, vale o destaque para o Tambor de Mina, segundo Cordeiro (2017, p. 30) já presente na história do Amapá desde os anos de 1950, e da Pajelança ou Pena e Maracá, que de acordo com Lobato (2008, p.97), ocupa os espaços dos terreiros no estado desde o período da colonização da região. Para Silva (2005, p.83), o Tambor de Mina nasceu na região do Maranhão e do Pará sendo fortemente influenciada pela cultura jeje, sendo o termo “mina” uma referência ao local de origem dos africanos trazidos ao Brasil na condição de escravos, estes eram aprisionados no forte português São Jorge da Mina, localizado na África Ocidental. Os voduns são as divindades jejes cultuados em conformidade com as famílias mitológicas às quais pertence. O tambor de mina também inclui em seus ritos a crença aos santos católicos e divindades não africanas, como os “encantados” provenientes de numerosas origens, como os caboclos da mata, fidalgos, turcos, entre outros.

A pajelança ou pena e maracá e a cura são, segundo Silva (2005, p.88), cultos que ganharam força principalmente no norte do Brasil, da região amazônica até Pernambuco, onde a influência indígena é muito mais intensa. Esses cultos caracterizam-se pela sua essência mágico-curativa, onde há o culto aos “mestres” de cura que se apresentam como espíritos de indígenas, animais, ou antigos e conhecidos chefes do culto.

A Cura enquanto exercício prático se constitui de rezas, as benzeções, destinadas a casos como quebranto, mau-olhado, perturbação espiritual, que podem ser acompanhadas ou não pela indicação de banhos, chás, defumações. Os casos de doenças mais complicadas, ou aqueles que envolvem a feitura ou o desmanche de feitiços, exigem a participação de entidades espirituais incorporando ou indicando ao curandeiro os procedimentos a serem seguidos. (LOBATO, 2008, p.111).

Existe uma linha muito tênue entre esses cultos ao ponto de misturarem-se. De acordo com Lobato (2008, p.151), para muitos religiosos de Macapá estes cultos incorporam-se à umbanda já sendo parte desta, enquanto que esta união com o candomblé não se dá com tanta frequência, pois muitos religiosos acreditam que os encantados da Cura têm aversão à ritualística candomblecista, em especial aos rituais que se utilizam de sangue de animais sacrificados.

Para o melhor entendimento destas religiões é preciso conhecer sua ritualística e cotidiano. Para isso, a seguir explanamos resumidamente sobre estes importantes pontos. No que concerne ao cotidiano ritualístico dos terreiros existe certa similaridade entre as casas de candomblé e as de umbanda. De um modo geral as casas estão sempre abertas para atender a quem seja, porém, é comum os sacerdotes estabelecerem dias e horários específicos para cada tipo de atendimento, com isso cada terreiro tem sua programação pré-estabelecida que é respeitada por seus frequentadores.

Em um dia de atendimentos esses religiosos recebem os mais diversos tipos de demandas das pessoas que procuram as casas, chamadas de consulente. Segundo Cordeiro (2017, p.54), esses sacerdotes escutam histórias de males, amor, traição, problemas financeiros, familiares e toda a sorte da vida de cada um desses frequentadores. Nesta dinâmica, os consulentes esperam do

líder da casa ajudas que correspondam às suas procuras, sendo na forma de um conselho, rezas, consultas oraculares, realização de rituais, entre outros.

Outro importante rito que não pode deixar de ser mencionado são os ritos preparatórios dos filhos de santo. Neste ponto a umbanda e candomblé se distinguem em diversos aspectos, a distinção também ocorre em especial no candomblé, dependendo da influência de cada nação a qual a mãe ou pai de santo se identifica. Dentro do candomblé praticado em Macapá as nações que se destacam são Angola, Ketu e Jeje.

Os ritos iniciáticos distinguem-se conforme as nações, porém de maneira geral, os religiosos referem-se a estes como as “feituas de santo”, onde o iniciado irá passar por diversas etapas de obrigações que deve cumprir para estar apto a assumir um local na hierarquia da casa a qual pertence e até mesmo abrir sua própria casa. Estas obrigações se dão através de oferendas rituais (ebo), período de recolhimento do iniciado, raspagem total da cabeça, sacrifício animal, entre outros.

É pela iniciação que uma pessoa passa a fazer parte de um terreiro e de sua família-de-santo, assumindo um nome religioso (africano) e um compromisso eterno com seu deus pessoal e ao mesmo tempo com seu pai ou mãe-de-santo. Assim, um adepto, ao se iniciar, nasce para a vida religiosa como “filho” espiritual do seu iniciador, o pai ou a mãe-de-santo. Tendo o iniciado um pai ou mãe-de-santo, terá também irmãos/irmãs-de-santo (os iniciados por seu pai-de-santo), tios e tias-de-santo (os irmãos/irmãs de seu pai-de-santo), avô e avó de-santo (pai ou mãe-de-santo do seu pai-de-santo) e assim sucessivamente. (SILVA, 2005, p.57).

O trato aos médiuns em desenvolvimento na umbanda se dá de maneira diferenciada em muitos aspectos. Diferentemente do candomblé os ritos iniciáticos existem, mas não são uma condição básica para o pertencimento legítimo no culto, o recolhimento do fiel não se dá por um longo período e não há obrigatoriedade de raspar a cabeça ou o sacrifício de animais. De acordo com Silva (2005, p.126), o que predomina é o batismo realizado em locais como cachoeiras, mar ou entrega de oferendas na mata.

Geralmente há um dia específico na semana onde os filhos de santo em desenvolvimento vão até o terreiro e são preparados pelo sacerdote, auxiliado por seus assessores, a mãe ou pai-pequena e seus cambonos a “doutrinar” suas entidades, fortalecerem seus espíritos e desta forma tornarem-se aptos para trabalharem auxiliando o público que procura a casa.

Durante uma situação de adoecimento, como o da Covid-19 que no momento da pesquisa ainda não possuía um tratamento totalmente eficaz e ainda vitimava tantas pessoas, é comum que os religiosos buscassem ajuda espiritual com a esperança de obter assistência para lidar com todas as dificuldades impostas pela pandemia.

Com base no que foi apresentado é possível mensurar um pouco do cenário onde a pesquisa se desenvolveu tanto no que concerne à situação da pandemia e seus impactos sociais, ambientais e outros mais, como sobre a religião. É possível também compreender como as religiões afro-brasileiras se desenvolveram, sua atuação e importância social como um resgate de uma identidade roubada e a construção de uma fé tipicamente brasileira.

A seguir apresentamos os dados coletados na pesquisa de campo, onde trabalhamos com os entrevistados suas histórias dentro da religião, como se dava o dia-a-dia dentro da casa ou

terreiro do qual fazem parte ou lideram, como estes religiosos adaptaram-se durante a pandemia para continuar vivenciando sua fé e dando assistência àqueles que os buscaram, e também, quais as perspectivas destes sobre a pandemia, suas causas e consequências.

Os terreiros e a pandemia

Esta seção apresenta a interpretação dos dados coletados na pesquisa de campo, realizada durante o período de outubro a dezembro de 2020, nas casas e terreiros de umbanda e candomblé de Macapá, capital do Amapá, região norte da Amazônia brasileira. No primeiro momento serão expostas as questões relacionadas ao cotidiano ritualístico das casas e quais adaptações foram feitas para manutenção da religião. Em seguida, serão explanadas as perspectivas destes religiosos acerca da pandemia, suas causas e consequências.

Ritualística

Sobre o cotidiano das casas, apesar do candomblé e da umbanda divergirem entre si em muitos aspectos, em outros muitos se assemelham. Os entrevistados relataram rotinas bem parecidas com atendimentos àqueles que solicitam ajuda dos religiosos, chamados de consulentes, os encontros de desenvolvimento dos médiuns da casa, que poderiam acontecer com a presença do público ou não, e os festejos dedicados aos orixás e caboclos que de um modo geral são os que mais atraem público. O que pode variar de uma casa para outra é o dia da semana a qual cada um desses eventos acontece.

Funcionava o atendimento ao público, o atendimento era duas vezes na semana, além das aulas, que a gente tem aulas práticas com os médiuns sobre os ensinamentos umbandistas que são nas quartas-feiras e nas sextas-feiras nós tínhamos as giras que é o nosso culto né, com nossas entidades, devoções que a gente faz geralmente na sexta-feira. (Ricardo, sacerdote umbandista. Entrevista realizada em 20/10/2020. Bairro Fazendinha, cidade de Macapá-AP).

Assim como Ricardo, a maioria dos entrevistados relatou usar os dias de quarta-feira e sexta-feira para a realização de seus cultos e/ou atendimentos, o que mostra uma importância simbólica destes dias para a religião. A casa que se difere desta lógica é a da senhora Mariana, apesar de ser a responsável pela casa, não se denomina mãe de santo. Não faz atendimentos abertos ao público, os atendimentos são feitos durante as giras onde o número de frequentadores é pequeno e boa parte são membros da família da mesma. “É que aqui a gente só trabalha em família, são raros os que não são da família, chega a não ser nem cinco, mas já são agregados.” (Mariana, sacerdotisa umbandista. Entrevista realizada em 08/10/2020. Bairro Buritizal. Macapá – AP). Nesta pesquisa será possível observar a diversidade dentro da religião, foi trabalhado com religiosos que recebiam em suas casas, antes da pandemia, mais de sessenta consulentes por dia, e religiosos que só recebem consulentes esporádicos fora dos cultos ou durante estes.

No caso específico do candomblé há também os recolhimentos, onde por um determinado período o médium em desenvolvimento ficará recolhido no terreiro, a prática faz parte da ritualística iniciática da religião para se “fazer o santo”. Ao fim dos ritos iniciáticos é feita uma

celebração para os orixás dos médiuns que cumpriram suas obrigações. O filho de santo Márcio relata um pouco da rotina de um recolhido.

Bom, como no candomblé é uma casa e como casa tem suas atividades de casa e também tem os cultos aos orixás, as comidas, era um cotidiano normal de uma casa. Limpa-se, cozinha-se e também a gente trabalha com atendimento, dia de segunda-feira e terça, a gente dá passe. A casa fica aberta pra acolher, fazer o acolhimento. (Márcio, filho de santo. Entrevista realizada em 06/10/2020. Macapá-AP).

O entrevistado começou o seu recolhimento em janeiro, ou seja, antes do início da pandemia, e devido uma ordem direta de seu orixá que o aconselhou a permanecer no terreiro por mais tempo, este vivenciou a rotina do recolhimento dentro e fora do contexto da pandemia. Com o avanço da pandemia do Sars-CoV-2 em 19 de março de 2020, mesmo ainda sem a confirmação de nenhum caso da doença no Amapá, o GEA (Governo do Estado do Amapá) lança o decreto nº1414 que visava evitar o contágio, dentre suas determinações estava a suspensão de atividades religiosas de qualquer credo ou religião. No dia seguinte à publicação o Amapá confirma seu primeiro caso.

Apesar do decreto os líderes mantiveram sua autonomia na tomada de decisão quanto ao momento de fechar ou não suas casas. Dentre os religiosos entrevistados a maioria relatou ter fechado as portas imediatamente com a confirmação da doença no estado mesmo que isso significasse uma rápida mudança na ritualística, como o apontado pelo sacerdote Sandro.

Fui pego pela pandemia no segundo recolhimento, eu ia tirar mais um filho de santo quando começou a pandemia. Até então ainda estava aquele alarde somente pra fora, aí quando começou as restrições aqui no estado eu já estava em meio a uma obrigação. E nós tivemos que fechar, fazer uma coisa bem mais interna, como foi todo o rito sem aquela festa social que tradicionalmente seria feito. Fiz uma coisa mais interna, que como ele já estava recolhido não teria como retirar e não havia necessidade, porque esses ritos são bem mais internos mesmo, então quem estava aqui dentro da casa já continuou e os outros que tinham esse acesso de estar entrando e saindo a gente restringiu, o acesso de outras pessoas que não participavam diretamente e diariamente dos rituais. Então desde março a casa ficou dessa forma, fez a saída do rapaz e tudo mais e depois da saída dele nós continuamos fechados. (Sandro, sacerdote umbandista e candomblecista. Entrevista realizada em 06/10/2020. Bairro Congós. Macapá-AP).

No terreiro comandado pela sacerdotisa Kátia o encerramento das atividades não se deu imediatamente, pois como em maio de 2019 a então líder da casa veio a falecer e a casa fechou por seis meses. Devido a este prolongado tempo sem atividades mesmo com medo do avanço da Covid-19 a líder decidiu manter a casa aberta, mas com um número reduzido de frequentadores.

Estava tendo seção normal sabe, desenvolvimento dia de quarta-feira, seguindo tudo tranquilamente só que quando começou a gente começou a ficar com muito medo né, porque a gente tem muitas pessoas que já tem idade, a gente tem pessoas hipertensas e diabéticas e tudo. Então a gente começou a fechar mais, mas no começo estava normal. Até quando ainda estava assim, tipo não era nossa realidade de ter chegado aqui no estado e tudo ou se chegou

eram poucos casos, e então ainda não era palpável para gente reconhecer realmente estava em meio a uma pandemia. (Kátia, sacerdotisa candomblecista. Entrevista realizada em 10/12/2020. Bairro Buritizal. Macapá-AP).

A sacerdotisa narrou que decidiu pelo fechamento da casa conforme o aumento do número de casos confirmados da doença no estado, e quando foi ultrapassada a marca de mil casos confirmados, aproximadamente no início do mês de maio, houve o encerramento total das atividades do terreiro.

Infelizmente devido a problemas de acesso aos dados epidemiológicos que deveriam ser disponíveis a população através dos sites do Governo do Estado e Prefeitura, é difícil referenciar com precisão a data em que o Amapá ultrapassou o número de mil casos confirmados da Covid-19. Isso expõe um triste cenário de subnotificação que atinge a população amapaense, e que nos faz questionar até que ponto os dados fornecidos retratam o real cenário da pandemia no estado.

Em relação às adaptações feitas durante o período de isolamento, é possível identificar dois grandes aspectos de mudança, o físico e o ritualístico. Houve certas diferenças entre as casas no que concerne à decisão de adaptar-se a pandemia, mesmo as recomendações das autoridades sanitárias sendo universais. As adaptações físicas aqui citadas se referem às modificações feitas nos espaços das casas, determinações de adoções de certos hábitos como o distanciamento entre participantes e o uso de máscaras. Entretanto, essas adaptações aconteceram de forma diferenciada seguindo a autonomia dos líderes das casas ou até mesmo por recomendação das entidades.

As adaptações físicas também variaram conforme o espaço que cada casa dispõe para se fazer mudanças estruturais e os tipos de serviços oferecidos no local. Inevitavelmente a ritualística também passou por modificações, cada sacerdote encontrou à sua maneira uma estratégia para que a religiosidade continuasse sendo vivenciada por seus fiéis durante o isolamento social.

Conforme o apresentado anteriormente os serviços e ritualísticas realizados nas casas coincidem entre si em muitos aspectos sem tornar-se algo único, o que mantém a identidade de cada uma, desta forma as adaptações também se deram de maneira heterogênea.

Eu instalei uma pia na porta do barracão, o álcool também, porque aos poucos nossas atividades estão voltando à normalidade. [...]. Exigimos uso de máscara dentro do barracão, exigimos que as pessoas façam assepsia nas mãos, nos pés e sapatos antes de adentrar o barracão. (Sandro. Entrevista realizada em 06/10/2020. Macapá-AP).

A sacerdotisa Carolina também seguiu as orientações básicas das autoridades sanitárias ao que se refere às modificações em sua casa. Enquanto ao que se refere às mudanças ritualísticas a mesma informou que, pelo grande medo que tinha por si e pelos demais de contrair a doença, assim que se iniciaram os casos no estado suspendeu as atividades na casa por completo e só retomou no final de setembro com as seguintes modificações.

Então, como são 36 (trinta e seis) médiuns, eles ficam muito coladinhos nos banquinhos sentados nessa parte aqui. Aí o que foi que eu fiz? Logo naquela época que começou, que foi grave, que estava morrendo gente todo dia, eu suspendi os trabalhos do terreiro. Não houve atendimento e também não

tinha gira. E naquele momento, pro nosso segmento, os orixás eles estavam um pouquinho afastados de nós, né? E nós suspendemos... agora voltou, já duas... três quartas-feiras pra cá, voltou a gira. Mas como é? É com uma escala, nós somos 36 (trinta e seis), aí hoje veio 6 (seis), vou ter uma gira seis: é um aqui, outro aqui, outro ali, outro aqui, e com todo cuidado! Eu tenho filhos de santo que eles vêm com máscaras na hora da gira. Aí a gente tem toda aquela bateria de coisas: é álcool em gel, é a máscara, é água com sabão pra lavar a mão. E na hora de se saudar uma entidade que tiver em mim, aí ele passa primeiro pelo álcool em gel... lava a mão, álcool em gel, pra chegar lá. E ao retornar de lá ele faz o mesmo percurso. (Carolina, sacerdotisa de umbanda e Mina. Entrevista realizada em 13/10/2020. Bairro Central. Macapá-AP).

A religiosa também relatou a adaptação que fez no festejo tradicional em sua casa.

No dia de Cosme e Damião eu fiz um festejo aqui, aonde eu pedi que as mães trouxessem as crianças pra vir pegar o brinquedo, o docinho, o bombom... Mas que não fosse muito demorado. Mesmo assim nenhuma criança chegou perto de mim, nem eu delas [...]. Aí eu passava pra um filho, o filho passava, aí entregamos dali da porta, daí já ia embora. (Carolina. Entrevista realizada em 13/10/2020. Macapá-AP).

A fala da mãe de santo retrata perfeitamente a capacidade de adaptação dos religiosos perante o cenário pandêmico, de modo que estes pudessem continuar vivenciando a religião e suas tradições sem infringir os cuidados recomendados pelas autoridades sanitárias.

Não se pode falar das mudanças ocorridas durante o período de isolamento sem mencionar as relações dos religiosos com suas entidades. Sobre o assunto o sacerdote Ricardo ilustrou da seguinte forma quando questionado se houve dificuldades na relação com as entidades.

Teve no início, mas não em relação às entidades, pelo lado dos médiuns e consulentes. [...] E o que foi muito interessante foi que as entidades se adaptaram muito rápido com isso, porque elas estão numa evolução gigantesca espiritual. [...] As entidades, que fazem por exemplo, limpeza espiritual, então pegava a taça com cerveja, com “espumosa” como eles falam, e dividiam entre todas as pessoas, existia esse compartilhamento com as pessoas da casa, eles se adaptaram também a isso, [...] cigarro, um pegava e passava pro outro, já não usa, cada um usa o seu. Tem os lixeiros agora dentro do terreiro, que só terminou as atividades, isola, joga fora, tudo certinho como se deve. Passaram a não dividir o “pito” que é o cachimbo, outros instrumentos musicais que acabavam usando hoje não usam mais, ou então usam individualmente. Então houve uma série de adaptações dentro da casa, até o uso comum de geladeira, nossa copa, banheiros, tudo passaram por adaptação, porque era necessário tanto para as pessoas que estavam vindo, quanto para as entidades que vinham nos ajudar nesse momento, então foi um pouco mais complicado. (Ricardo. Entrevista realizada em 20/10/2020. Macapá-AP).

Com base na concepção do religioso, as entidades não tiveram dificuldades de adaptação neste período por conta do seu grau de evolução, mas segundo o mesmo os médiuns e consulentes tiveram resistências às adaptações. Esta resistência é percebida dentro e fora do ambiente religioso, onde encontram-se indivíduos que, seja por motivos ideológicos, por problemas de acesso a informações confiáveis sobre a doença, ou pela dificuldade de compreender a admitir

a real gravidade da situação, negam-se a modificar seus hábitos em prol da não disseminação do vírus, ocasionando assim um número ainda maior de casos e mortes.

Convívio social

Neste subtópico será abordada a questão de como a pandemia e o isolamento afetaram a dinâmica social das casas, tanto no que se refere ao convívio com os frequentadores, quanto aos consulentes. Aqui também serão apresentadas as buscas feitas pelo público durante os decretos, se as assistências solicitadas eram as mesmas de antes da disseminação do Sars-CoV-2 e se houve buscas relacionadas à Covid-19. As relações construídas dentro dos terreiros, como já apresentado anteriormente, são como de uma família ligada não por laços sanguíneos, salvo exceções, mas sim pelos orixás, as famílias-de-santo onde se constrói uma forte ligação de respeito, comunidade e caridade como muito bem explicado pela sacerdotisa Verônica “Para mim o candomblé hoje em dia, é [...] para as pessoas amarem e conhecerem mais o sagrado. [...], porque quando você tem um filho de santo, você se abraça com ele, é como se fosse meu filho mesmo.” (Verônica, sacerdotisa candomblecista e umbandista. Entrevista realizada em 30/10/2020. Macapá-AP).

Tendo em vista este cenário de família e união foi inevitável o abalo nesta estrutura com o avanço da pandemia e os decretos de isolamento. A rotina dos terreiros foi totalmente afetada gerando o sentimento profundo de tristeza como o exposto por Kátia, que confessou que “fugiu” muitas vezes de casa para ir até o terreiro sozinha na tentativa de distrair-se cuidando dos afazeres.

Tinha vez que eu vinha para cá ficar sentada aqui só para ter que sair de casa [...] tu estás acostumada a ver o pessoal do terreiro o tempo todo, todo dia tu vir para cá, o filho-de-santo estar aqui a gente conversar, a gente interagir, bater papo e tudo e de repente a rotina mudar. [...] E agora não, depois que começou a pandemia pessoal tipo meio que se afastou mais por conta disso. De vez em quando eles estão por aqui, mas não é como era antes que a gente estava direto junto. Isso daí foi uma coisa aqui que abalou muito porque a gente estava acostumado já com a nossa rotina daqui. (Kátia. Entrevista realizada em 10/12/2020. Macapá-AP).

Consequentemente às interrupções das atividades nos terreiros, a dinâmica com os consulentes e frequentadores simpatizantes também foi afetada. Com a impossibilidade do atendimento presencial, pelo menos em grande escala como normalmente aconteceria, muitas mães e pais de santo abriram como possibilidade o atendimento remoto e online. Apesar das limitações que este tipo de atendimento poderia gerar, como por exemplo as dificuldades do acesso à internet, tendo em vista que parte dos frequentadores não seriam alcançados por não terem acesso à mesma, a dificuldade de adaptação a esses meios e devido a própria configuração de ritualística específicas destas religiões. Ainda assim, houve religiosos que se utilizaram deste meio como alternativa para diminuir a distância entre os religiosos durante o momento de crise. Márcio comenta um pouco como se deu esta dinâmica de atendimentos remotos no terreiro no qual faz parte.

O atendimento que se tem nas casas de axé também é o jogo de búzios e cartas, aí meu pai de santo jogava búzios, jogava online. Aí a gente brinca lá que é a macumba online (risos). [...] teve várias pessoas que pediram ajuda,

aconteceram muitas coisas, e eu ficava meio assim, porque não tem como a gente atender essa demanda, só através dos búzios [...]. (Márcio. Entrevista realizada em 06/10/2020. Macapá-AP).

Ainda sobre a alternativa do atendimento remoto, Carolina relatou a busca por apoio emocional durante o período de isolamento.

Assim como eu estava na minha casa com medo quando eu fechei aqui, eles também estavam. [...], vinha pouca gente ainda que tinha essa coragem de sair de casa e aí as outras pessoas conversavam comigo pelo telefone, só conversar, porque não se atende pelo telefone. Aí eu dizia: bora ver que isso tudo vai passar. As pessoas também precisam conversar. Está desesperada com a situação, a gente conversava pelo telefone... eu senti que passei alguma tranquilidade. (Carolina. Entrevista realizada em 13/10/2020).

Nas falas dos religiosos é possível perceber uma divergência de opiniões quanto ao atendimento remoto durante o período de isolamento social, enfatizando a autonomia de cada líder na tomada de decisões e a diversidade de posicionamentos e atitudes tomadas durante a pandemia.

Quanto às assistências prestadas durante o isolamento, foi questionado também aos religiosos se houve mudanças nas demandas buscadas, quais eram as mais procuradas e se tinham relação com a Covid-19. Apesar do que se poderia supor que aconteceria diante de uma pandemia de uma doença pouco conhecida, e até o momento em questão sem tratamento ou vacina, que haveria uma grande procura de possíveis remédios para evitar ou tratar a doença, porém, o resultado obtido com a resposta dos entrevistados foi diferente.

Mesmo com tal cenário de pandemia global, segundo boa parte dos religiosos uma das assistências mais buscadas foram relacionadas ao amor e melhoras de negócios, dinheiro, emprego, etc. As demandas amorosas são bastante comuns entre aqueles que buscam as casas de candomblé e umbanda, e com a pandemia esta seguiu sendo comum, como relatado pela sacerdotisa Mariana, “veio uma pessoa, que não posso dizer o nome, que me procurou por causa do marido, mas foi só. Nada em relação a doença, só amorosa.” (Mariana. Entrevista realizada em 08/10/2020. Macapá – AP). O medo da solidão afetiva sobrepôs o medo da infecção pela Covid-19 fazendo com que muitas pessoas buscassem soluções para seus problemas amorosos. A procura por este tipo de atendimento é tão recorrente que em alguns casos é a porta de entrada para muitas pessoas aderirem à religião, como o narrado pela mãe de santo Verônica.

A maioria das pessoas que vem é por causa do amor. O amor é em primeiro lugar, ninguém vem assim numa casa e fala assim “cuida do meu espiritual?” Não, (risos) é o amor, o amor está no ar. Ninguém quer perder o amor, e assim que a gente cuida das pessoas. Seu Zé fala que primeiro a pessoa começa a ser cliente, depois vai criando gosto, depois vira filho (risos). (Verônica. Entrevista realizada em 30/10/2020).

Se faz notável a popularidade deste tipo de demanda mesmo diante do atípico cenário vivenciado, levando assim a concluir que pelo menos neste aspecto não houve grandes mudanças nas dinâmicas das casas de candomblé e umbanda. As demandas relacionadas à prosperidade econômica também se fazem presentes como uma das mais populares. A entrevistada Diana filha de santo e sobrinha da sacerdotisa Mariana, quando questionada

sobre quais pedidos de auxílio teve durante o isolamento relatou que foi “a maioria em relação a ajudar alguma coisa com emprego, tava ruim e queria ajuda para melhorar as vendas [...]”. (Diana. Entrevista realizada em 14/09/2020. Macapá-AP). Considerando que a pandemia acentuou a crise econômica já existente no país este tipo de procura continuar sendo comum já era esperado.

Outra busca que também se fez presente durante o período de isolamento social foi relacionada a limpeza espiritual. Entende-se aqui por limpeza espiritual os auxílios que se referem ao tratamento de toda sorte de problemas de cunho espiritual, como a libertação de espíritos obsessores, proteção contra mau olhado, quebrantos e qualquer outro tipo de adoecimento relacionado ao espírito. Para as religiões afro-brasileiras a saúde do corpo e do espírito estão interligadas, ou seja, ao cuidar de uma automaticamente estará cuidando da outra, sendo assim, cabe aqui associar as buscas pela saúde do corpo à saúde espiritual. O filho de santo Antônio pertencente ao terreiro de tambor mina e umbanda situado no bairro São Lázaro em Macapá, descreve a procura por estes auxílios da seguinte forma.

As pessoas procuravam por questões de saúde, porque temos a umbanda e o tambor de mina como conhecedoras de muitas ervas, plantas medicinais. Então com as ervas e plantas a gente consegue dar um direcionamento pra uma melhor saúde das pessoas, e as pessoas procuram. Por exemplo, procuram remédios de farmácia e muitas vezes não conseguem se adaptar, então ela procura o centro, o terreiro e através da medicina alternativa que seria essa medicina fitoterápica, que vem das ervas, das raízes, cascos de plantas e chás ela vem procurar sua saúde. Outra coisa que é feito com as ervas, são os banhos de cheiro, banhos de limpeza, porque tem pessoas que entendem que, nós também entendemos dessa forma, que o nosso mundo não é só de carne, nós temos um espírito, e esse espírito por vezes recebe uma carga muito negativa, porque como eu disse pra você, nós temos a espiritualidade e os espíritos que não se agradaram com os desencarne, por exemplo, espíritos que não estão acostumados com isso e que tem um poder energético muito negativo, então algumas ervas que são utilizadas dentro do terreiro, elas são usadas para purificar o espírito. [...] Então todas as essências, tudo que é utilizado em prol da saúde espiritual ou corporal das pessoas vem através dos elementos da natureza. Folhas, cascas, plantas, água, fumo, o álcool, tudo se você prestar atenção, tudo faz parte da natureza (Antônio, filho de santo. Entrevista realizada em 21/10/2020. Macapá-AP).

Nesta fala o religioso descreve bem como se dá este tratamento do corpo e espírito daqueles que procuram pela melhoria da saúde. Através dos recursos fornecidos pela natureza, seja através de banhos de limpeza espiritual ou remédios, o equilíbrio entre os dois é mantido. Seguindo está lógica, apesar de poucos relatos por parte dos religiosos, houve demandas relacionadas à Covid-19. Para uma melhor compreensão dividimos, com base no que foi narrado, três tipos de auxílios prestados quanto à doença, sendo estes: espiritual, preventivo e tratamento das sequelas pós-covid. O tratamento espiritual narrado pelo sacerdote Ricardo se deu da seguinte forma.

Tivemos tratamento pra médiuns que foi, na casa do médium amarrar uma cabeça de alho com fio na porta de entrada pra que o mal não pudesse entrar, não atingisse a família, não atingisse o seio da casa. Além disso foi um feito um tratamento espiritual de equilíbrio mental no médium, eles passaram a

fazer orações em horários indicados pelo terreiro, e fizeram o tratamento de sete dias de orações de três em três horas, o terço da misericórdia muita gente conhece, a gente é muito devoto desse terço, e no nosso centro nós fizemos isso. Além de alguns banhos que são sagrados, a gente não pode falar (risos), são banhos sagrados de ervas sagradas nossas, para o equilíbrio mediúnico do médium, e também a gente usou um ponto de força feito na casa do médium com folha de mangueira dentro de um copo com água e uma vela acesa de intercessão e prece para as pessoas que estavam doentes e passando por dificuldades. (Ricardo. Entrevista realizada em 20/10/2020).

Na fala do religioso é possível identificar a importância do sigilo com o que é sagrado na ritualística, aqueles que não fazem parte da religião devem ter um acesso limitado aos conhecimentos desta. Este sigilo também é percebido na fala do pai de santo quando este descreve o tratamento dedicado aos consulentes da casa.

Outras pessoas da casa, consulentes, eles tomaram alguns banhos de erva sagrada também, erva de Jurema, entre outras ervas que fazem banhos que a gente, por ser sagrado, a gente não pode falar como faz, as ervas que usam. Mas em si usaram banhos de ervas pra equilibrar espiritualmente, afastar eguns espíritos de morto, usaram contra-egum no braço pra que espíritos de mortos não pudessem chegar perto dos médiuns e dos consulentes. (Ricardo. Entrevista realizada em 20/10/2020. Macapá-AP).

Além dos cuidados espirituais o sacerdote relatou também que as entidades ensinaram um remédio natural que deveria ser consumido para evitar a contaminação pela Covid-19, e que até o dado momento da entrevista ninguém da casa que havia usado tal medicamento havia adquirido a doença. “[...] a gente tomou um antiviral natural chamado melão de São Caetano, era feita uma infusão, um chá de 21 folhas e a pessoa tomava essa infusão de melão de São Caetano para não adquirir.” (Ricardo. Entrevista realizada em 20/10/2020. Macapá-AP). Além dos benefícios contra a Covid-19, o pai de santo afirmou que o chá também melhorou a saúde dos que o consumiram em outros aspectos, como contra problemas estomacais. A respeito do tratamento das sequelas deixadas pela Covid-19 o sacerdote relatou.

O centro passou a atuar nessa ajuda a pessoas que vinham tendo problemas respiratórios pra que as pessoas melhorassem. Então nós tratamos muitos consulentes, familiares, pessoas que já estavam em coma, as ervas usadas pra melhorar a respiração das pessoas foi a folha de manga e também o leite moça, o leite condensado como a gente fala, aí era feito uma batida no liquidificador mesmo e a pessoa tomava essa bebida e melhorou 100% das sequelas do covid, que era o cansaço, a respiração ofegante, as dores pulmonares, as pessoas melhoraram, pelo relato delas. (Ricardo. Entrevista realizada em 20/10/2020. Macapá-AP).

Novamente é notável a forte ligação que a religiosidade afro-brasileira tem com os elementos da natureza, estando estes presentes em todas as dimensões ritualísticas destas religiões, e tendo o compartilhamento dos saberes tradicionais como um dos princípios da caridade praticada nas religiões. A sacerdotisa Kátia quando questionada sobre as buscas dos consulentes durante o isolamento relatou que além das demandas populares como as relacionadas ao amor, finanças e limpezas espirituais, houve a procura de informações sobre o uso da planta quina para chás ou banhos.

Atrás de saber desse negócio da quina né, porque teve aquela história de que a quina ela que, a cloroquina efeito da quina né. E aí eles sempre vinham para saber como é que fazer o chá e tudo, se tinha algum banho pra tomar sabe. Só que assim não adianta eu iludir dizer “não, esse banho vai te ajudar” não. Ele protege, mas se tu não te ajudar também não tem jeito entendeu. (Kátia. Entrevista realizada em 10/12/2020. Macapá-AP).

Em sua fala Kátia destaca importância dos demais cuidados para o enfrentamento da doença, e ter nos chás e banhos um apoio no tratamento. Considerando que a procura pelo chá da quina se deu por conta de uma “fake news” (notícia falsa), esta apresenta um cenário preocupante diante da pandemia, o perigo da disseminação destas notícias deturpadas. Segundo Almeida Neto (2021), com a divulgação na rede social Facebook de um homem exibindo cascas de árvore e que ele diz preparar o chá da quina para obter imunidade contra a Covid-19, a notícia falsa ganhou força. A planta do gênero *Cinchona* conhecida popularmente nos países da América do Sul como quina, fornece uma substância chamada quinina, que possui propriedades antimaláricas e serviu como protótipo para a criação da cloroquina e hidroxicloroquina. Entretanto, o uso do chá da quina pode ser extremamente prejudicial à saúde. De acordo com Carvalho e Soares Neto (2020), a substância quinina não é livre de toxinas que podem acarretar problemas adversos, e destacam que não existem estudos suficientes que provem a eficácia do chá para a prevenção ou tratamento da Covid.

Cosmovisão

Nesta sessão serão trabalhadas as perspectivas dos religiosos acerca da pandemia da Covid-19. Três questões foram as norteadoras desta parte da pesquisa: como você está lidando com a pandemia; no seu ponto de vista quais as razões para a pandemia estar acontecendo; quais suas perspectivas para o futuro. As respostas a estas questões foram as mais diversas, mesmo com o ponto em comum que é a religião a pluralidade de opiniões e visões de mundo se fez presente. Em relação à primeira questão, uma resposta recorrente era “medo”. O medo da doença se estabeleceu na vida das pessoas de maneiras diferentes, seja por si mesmo ou pelos outros. Com o aumento astronômico de casos todos os dias, o bombardeio de informações, verdadeiras e falsas, sobre o vírus e a mudança repentina de rotina geraram um temor coletivo, mas este mesmo medo fez com que muitos compreendessem a gravidade da situação e tomassem os cuidados necessários.

Olha eu vou lhe ser sincero, eu tenho muito medo (risos), porque eu tenho uma mãe, [...] ela já tem 73 anos então, o meu medo de contrair a doença e posteriormente passar pros meus familiares e principalmente pra essa minha mãe, então eu prezo pelo máximo de cuidado possível. Nós passamos bastante tempo isolados em casa, só saíamos pro supermercado e ao chegar em casa todas as sacolas eram higienizadas, passado álcool, tira os mantimentos da sacola, álcool em tudo de novo, e lava mão e água sanitária com água em tapete, pra lavar os pés, justamente prevendo o máximo possível, porque é uma doença desconhecida, que está sendo estudada a pouco tempo e com um poder de destruição muito grande, então a gente não pode vacilar em relação a isso, tem que haver esse cuidado, pra que a gente não faça a transmissão pras pessoas que a gente gosta. (Antônio. Entrevista realizada em 21/10/2020. Macapá-AP).

Em situações de crise a religiosidade exerce um importante papel na vida dos indivíduos, seja na busca de respostas ou como forma de apoio, e no caso das mães e pais de santo essa torna-se uma realidade ainda maior. Exercendo o papel de alicerces de suas casas e terreiros, os sacerdotes enfrentaram um difícil desafio com a chegada da pandemia, lidar com a nova realidade que se iniciava tanto em suas vidas pessoais quanto dentro dos terreiros e ainda estarem prontos para ajudar seus filhos de santo e consulentes que passavam por dificuldades.

Não foi fácil, foi complicado porque tu também se abala emocionalmente, porque tu vendo as pessoas sofrendo não é legal, tu quer ajudar e muitas vezes é impossibilitado pela questão presencial. Mas só o corpo, o espírito é maior, então foi um período que eu tive muita dedicação na minha casa de santo, eu me recolhi muito na minha casa de santo pra que eu pudesse rezar, orar pelas pessoas, pra que a gente pudesse fazer pontos de cura, tratamento, pra que elas pudessem melhorar. (Ricardo. Entrevista realizada em 20/10/2020. Macapá-AP).

A diversidade de perspectivas sobre a pandemia também traz uma divergência de formas de reagir a ela e até mesmo de entendê-la. No período em que realizamos a pesquisa de campo (entre setembro e dezembro de 2020), os decretos mais severos de isolamento social já não estavam mais em vigor e mesmo com algumas restrições, basicamente todos os lugares que antes estiveram fechados já haviam voltado ao funcionamento, inclusive os terreiros. Com essa flexibilização muitos encararam a pandemia como uma coisa do passado, como se com o fim do isolamento total a Covid-19 já não fosse mais um problema e não apresentasse mais riscos à saúde. Neste contexto, era comum escutar coisas como “no tempo da pandemia”, inclusive de alguns religiosos entrevistados. Quando questionados sobre a forma como estão lidando com a pandemia, três dos nove entrevistados responderam fazendo referência somente à quarentena, sendo que duas relataram estar lidando bem com isso e uma relatou o sentimento de frustração em relação ao período de isolamento.

[...] pessoalmente eu não faço mesmo muita questão de sair de casa então não afetou tanto, meu pessoal, eu não tive problema nenhum, teve pessoas que tiveram problemas psicológicos, ansiedade, essas coisas não tive problema nenhum, até gosto de ficar em casa. (Diana. Entrevista realizada em 14/09/2020. Macapá-APe).

Este pensamento de que a pandemia já não estava mais sendo vivenciada seguia sendo comum, apesar de extremamente perigoso, tendo em vista que apesar do avanço da vacinação contra a Covid-19 – no momento da realização da pesquisa -, o índice vacinal do país e do estado do Amapá ainda era baixo, o que apresentava um quadro preocupante em que o fim real da pandemia ainda não era sequer vislumbrado. Depois de tratar com os religiosos a questão de como cada um estava lidando com a pandemia, o ponto seguinte de análise foi o ponto de vista destes para com as possíveis razões para estar enfrentando a pandemia do Sars-CoV-2. Considero este um dos assuntos mais delicados da pesquisa, pois as opiniões aqui relatadas evidenciam uma série de questões dos entrevistados, como o acesso à informação, as crenças e a formação pessoal, considerando que estes pontos exercem influência direta na interpretação destas pessoas em relação ao mundo ao seu redor.

No que concerne a variedade de respostas dadas a essa questão, apesar da temática também abrir margem para múltiplos pensamentos, a resposta mais comum foi relacionada à evolução,

que aqui entende-se como o progresso do ser humano e do mundo como um todo, seja no âmbito espiritual ou físico. Esta compreensão traz consigo uma ideia de que a morte não é o fim, e de que a pandemia em si também não representa o fim do mundo, mas sim parte de algo maior.

A humanidade ela é feita de ciclos, não culpo A nem B, é algo que não era pra acontecer, mas é o que está no caminho da humanidade, ela vai evoluindo. Então a natureza ela tem uma resposta de tudo, de todas as atitudes que a humanidade vem tendo, no decorrer dos tempos. Então, é doloroso pra gente perder alguém, é doloroso pra gente perder um parente, um amigo, mas pela fé a gente sabe que aquela pessoa passou pro plano espiritual porque chegou o momento dela. [...] Mas a gente acaba se confortando ao saber que essa pessoa não deixou de existir, apenas mudou de plano, segundo a nossa fé. Tornou-se um ancestral, tornou-se um espírito iluminado, um espírito que vai nos auxiliar nessa nossa jornada aqui pela Terra. (Sandro. Entrevista realizada em 06/10/2020).

Em sua fala o sacerdote apresenta uma visão que não culpabiliza indivíduos ou grupos específicos, mas sim uma consequência de ações coletivas, sendo assim a pandemia seria uma resposta à destruição da natureza causada pelo homem e parte do processo evolutivo da humanidade como um todo.

A ideia da pandemia como uma consequência da destruição humana também aparece em outra perspectiva, a da destruição do ser humano por si mesmo. A violência, o orgulho, falta de caridade entre os sujeitos e o desrespeito ao sagrado foram pontos citados em algumas respostas dadas pelos religiosos. Aqui cabe destacar duas diferentes concepções de como a pandemia é uma resposta do sagrado às atitudes humanas, a ideia de justiça e a ideia de castigo.

Pela questão religiosa a gente acredita que Deus é perfeito, que tudo acontece pela vontade dele, a vida, a morte, o nascimento, o crescimento. As questões sentimentais somos nós humanos, então espiritualmente a gente acredita que isso aconteceu pra que pudéssemos firmar mais os nossos pensamentos. Nós passamos a nos dedicar mais à família, começamos a perceber o tempo que a gente achava que não tinha, a gente foi forçado a criar um tempo e a gente se dedicou, orando, rezando, a gente sentiu medo, sentiu coragem, todos os sentimentos naturais a gente conseguiu nessa pandemia aguçar-los. E isso traz pra gente a volta das pessoas realmente se dedicar ao que é importante, eu não considero isso como 100% ruim, porque Deus não faz nada ruim, e os que foram estão na morada de Deus, então ninguém perdeu, todo mundo ganhou porque Deus é maravilhoso. Então espiritualmente as nossas entidades elas nos aconselharam a aceitar a vontade de Deus, então nós respeitamos a vontade de Deus e continuaremos respeitando a vontade de Deus, porque sabemos que tudo que há na Terra é vontade de Deus. Então Deus é misericordioso com todos nós, os que foram estão na morada Dele, os que estão aqui na Terra continuam vivendo a vida como ele permite, para que um dia nós possamos estar junto Dele. (Ricardo. Entrevista realizada em 20/10/2020).

Na fala do religioso fica evidente a interpretação da pandemia como a “vontade de Deus” sem que seja uma punição, mas uma resposta para que os seres humanos repensem seus atos, ou

seja, um entendimento de um Deus misericordioso e benevolente. Porém, assim como qualquer outro aspecto religioso, a compreensão dos atos divinos pode variar e a ideia de um Deus vingativo e temeroso é ainda mais comum que a anterior.

[...] meu ponto de vista, como eu Verônica, não como mãe de santo. Eu sou uma pessoa que se a senhora me convidar pra ir ali numa igreja eu vou, sem nenhum problema. Eu escutei a pregação de um pastor, no celular do meu esposo, ele falando que Deus se levantaria do trono, e que ele chegaria perto da Terra, do globo terrestre. E foi tão forte essa pregação que depois eu fiquei pensando, gente é verdade. Porque Nossa Senhora pede pra gente rezar o terço, e o sagrado tá sendo corrompido cada vez mais. As pessoas não tem mais respeito com as outras, se matam, acabam, se digladiam, é isso aí (pandemia) é só o reflexo de tudo isso, ninguém respeita ninguém, a pessoa chega e te mata por besteira. [...] Mas é o sagrado, ele foi corrompido e o sagrado está respondendo. É uma consequência de tudo. (Verônica. Entrevista realizada em 30/10/2020. Macapá-AP).

Apesar da aparente diferença entre compreensões da origem da pandemia, todos os entrevistados apresentaram um ponto em comum, a ideia de atitudes e consequências, sejam estas pela ação humana contra a natureza, seja contra si mesmo ou contra o sagrado, a lógica desta perspectiva é que tudo o que está acontecendo é responsabilidade dos atos humanos. Diferente do que se poderia entender que, com essas falas os religiosos eximem a responsabilidade da humanidade usando Deus como justificativa para tudo que não entendem, aqui Deus é entendido como um agente mediador que irá permitir ou não que a humanidade passe por determinadas situações como consequências de suas ações. Nesta perspectiva, o que muda entre um religioso e outro é seu entendimento, esta resposta divina é uma punição severa ou uma tentativa de ensinamento. Por fim, foi apresentado por uma das religiosas entrevistadas como uma possível origem do vírus a já existência deste em laboratórios e que por motivos de guerra econômica este foi espalhado no mundo. Apesar de esta ideia ter sido referenciada por somente uma pessoa, este tema vale a atenção.

Na realidade eu não sei te dizer porque assim, a gente pode te dar “N” explicações né, vontade divina, não sei o que, é a questão dos orixás né, porque foi um ano de Xangô e depois um ano de Xangô de novo, chamou a justiça. Então ele pode ter feito justiça, mas aí a gente cai em várias concepções de várias outras religiões, então assim não sei te dizer entendeu. [...], mas assim na minha visão pra te ser bem sincera a visão Kátia, [...], não visão de mim como religiosa, mas visão pessoal mesmo assim, é que isso já era uma doença como várias outras que tem laboratório já, entendeu prontas para serem jogadas no mundo e acabar com todo mundo entendeu. Então assim eu tenho esse tipo de visão, que a questão econômica é muito latente, nós somos um mundo que a economia se ela não tiver fortalecida a pessoa é capaz de tudo para destruir um país, para aquela venda mais do que o outro que ela suba na questão da economia mundial é esse negócio é complicado. (Kátia. Entrevista realizada em 10/12/2020. Macapá-AP).

Esse tipo de pensamento foi muito disseminado encontrando sua força no senso comum, em especial quando em abril de 2020 vieram à tona mensagens entre diplomatas do Departamento de Estado americano do ano de 2018 comentando sobre a segurança em um determinado laboratório viral da cidade chinesa de Wuhan, palco do primeiro epicentro da Covid-19. Tendo

em vista que esta questão relacionada a origem da doença também foi alvo das já mencionadas *fake news* é de fácil entendimento como pensamentos como este ganharam tanta força. Porém, de acordo com Duarte (2020), é pouco provável que o Sars-CoV-2 tenha origem artificial por manipulação laboratorial, o mais aceito pela comunidade científica é que o vírus se origina em um hospedeiro animal antes da transferência zoonótica, ou seja, de animais para humanos.

Pode-se concluir com base nas respostas apresentadas uma grande proximidade entre as perspectivas dos religiosos para com a origem da pandemia mesmo com as divergências de interpretações em especial no que concerne a ideia de “vontade divina”. É importante ressaltar aqui novamente que a religião não é o único ponto que exerce influência na resposta dos entrevistados especialmente ao considerar a diversidade deste grupo.

Quando questionados sobre as expectativas para o futuro os religiosos também apresentaram variados pontos de vista, porém a maioria relatou estar pessimista em relação ao futuro, seja por conta da destruição da natureza, seja por acreditar que os indivíduos não melhoraram seu comportamento para uns com os outros, ou pelas dificuldades que se instalariam na sociedade em decorrência da pandemia.

Olha, isso depende da população, é uma coisa incerta, que nós temos em pensamento que vai melhorar ou que vai piorar, é uma coisa incerta. Eu pelo menos não tenho perspectiva das pessoas se conscientizarem que devem melhorar, que devem se voltar para serem pessoas mais humildes, rezarem mais, pedir perdão pra Deus, só a Ele pertence a verdade. Então eu acho que é difícil dizer que vai melhorar, não vejo perspectiva disso não. Não vejo perspectiva de que as pessoas vão melhorar. Até porque a gente vê a cada dia, não se vê gente humilde não, vê gente ainda arrogante, prepotente, ainda tem muita gente assim. (Mariana. Entrevista realizada em 14/09/2020. Macapá-AP).

O argumento apresentado pela sacerdotisa representa esta perspectiva não muito otimista, onde para haver uma melhora da atual situação da pandemia é necessário a mudança dos hábitos humanos. Seis dos nove religiosos expressaram semelhante ponto de vista, reforçando a ideia de culpabilização dos atos humanos para a existência e também permanência do cenário pandêmico. A pandemia trouxe consigo uma série de problemas a serem enfrentados além da crise sanitária, vários âmbitos sociais foram afetados e entre eles a economia. Houve um aumento exponencial no número de desempregados, aumento da inflação em itens básicos e consequentemente, o aumento da desigualdade social. Considerando este ponto, a preocupação com o futuro no que diz respeito a economia também se fez presente nas respostas dos religiosos.

Então assim eu espero que os orixás abençoem a gente, que dê tudo certo, que a gente consiga caminhar né, porque mana, como diz o vovô, mais uma “refega” dessa, tu é doida! É pra acabar. Acaba mundo porque a gente vai ficar como? A gente vai no supermercado hoje a gente compra 1 kg de trigo 5 e pouco 6 e pouco, uma lata de óleo R\$ 7, uma lata de óleo dessas que eu ia no comércio comprava três lata R\$ 9 eu cheguei a comprar uma garrafa de óleo R\$ 9. Quer dizer que se esse negócio continuar a gente vai ficar sem comer porque o salário não aumenta e aumenta os insumos e o valor de tudo, que futuro é que a gente quer ter. Eu espero que os orixás abençoem a gente isso que a gente pede toda vez que essa doença fique longe do nosso portão e das

nossas famílias porque se com trabalho já é difícil imagina se tu não trabalhar né. (Kátia. Entrevista realizada em 10/12/2020. Macapá-AP).

A realidade exposta pela entrevistada reflete a situação de muitos brasileiros durante a pandemia, os aumentos estratosféricos nos preços dos itens básicos não condizem com a renda disposta pelos cidadãos, gerando este cenário de incertezas e instabilidades. De acordo com Schneider et al (2020) o sistema alimentar atual é falho e vulnerável, onde a comida quase que unicamente só chega para aqueles que podem pagar pelo seu valor. Quem também apresentou uma preocupação com as consequências da pandemia foi o pai de santo Ricardo.

Ainda vamos ter problemas graves, a umbanda ela nos alerta espiritualmente pra gente cuidar muito disso, por que? Porque a gente vai ter os resquícios pós-pandemia, falta de emprego, muitas pessoas com depressão, com dificuldades no organismo, entre outras coisas. (Ricardo. Entrevista realizada em 20/10/2020. Macapá-AP).

Além da preocupação pela questão econômica o sacerdote também relata o problema das consequências da Covid-19 na saúde dos indivíduos. Apesar de que ainda não se tem conhecimento de todas as sequelas que a doença pode causar no organismo, já existem diversos estudos sendo conduzidos por vários especialistas, inclusive no contexto psiquiátrico onde médicos investigam possíveis efeitos do vírus em transtornos de ansiedade generalizada, depressão, problemas de memória, problemas de cognição, entre outros. Outro ponto que merece destaque nas respostas apresentadas foi a fé na ciência, mostrando uma perspectiva de que para termos um futuro melhor dependemos de que a descoberta da vacina e de uma cura para a Covid-19. “Uma hora nós vamos ser iluminados por esse Deus maior e essa vacina vai chegar e nós vamos poder voltar as nossas vidas normalmente. Não podemos perder o otimismo e não podemos perder a fé, que ela vai nos levar a esse medicamento.” (Antônio. Entrevista realizada em 21/10/2020. Macapá-AP). A fala do religioso mostra um olhar otimista para o futuro através da ciência sem deixar de lado o princípio da fé no sagrado como guia para o desenvolvimento da vacina e medicamentos, apresentando assim um cenário não de oposição entre a religiosidade e a ciência, mas de parceria e complementação. Apesar de todas as dificuldades e desafio que a pandemia fez e continua fazendo com que todos passem, ainda há uma visão otimista para o futuro apontada por um dos religiosos, onde teremos um cenário em que os indivíduos tiraram boas lições com a pandemia.

Olha, eu acho que a pandemia ela deixou muitas lições pra gente. Muitas lições que se a pessoa souber ela tira proveito, consegue tirar algo bom dessas mudanças que ocorreram, porque a humanidade estava muito tipo “tô nem aí! O próximo não me importa”. O que aconteceu revelou pessoas mais solidárias, pessoas que se importam mais com o outro não só com o seu umbigo. Mas eu creio que deixou essa mensagem, que não é só nós que importamos, que o próximo também importa. Então pra mim essa é a perspectiva pro futuro, que a humanidade evolua nesse sentido de se solidarizar, se importar né com o outro. (Sandro. Entrevista realizada em 06/10/2020. Macapá-AP).

Neste ponto nota-se o tamanho da importância da fé e da religiosidade na vida destas pessoas como molde de suas identidades, ponto de equilíbrio, e como filtro para pensar e entender o mundo. A pandemia do Sars-CoV-2 trouxe um contexto de mudanças e desafios para os

religiosos afro-brasileiros que tiveram que se reinventar e se fortalecer durante este difícil processo.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo a compreensão de como os religiosos afro-brasileiros da cidade de Macapá adequaram seus ritos e tradições à pandemia da Covid-19, como estes mantiveram suas relações sociais internas das casas e terreiros e com seus consulentes, quais os auxílios espirituais procurados pelo público durante o isolamento, e qual a interpretação dos religiosos em relação à pandemia.

No que diz respeito às mudanças ritualísticas e sociais, foi possível observar um certo dilema quanto a isso, tendo em vista que os religiosos queriam permanecer com suas atividades normalmente, mas a situação exigia mudanças e, conseqüentemente, a interrupção das atividades das casas. Com isso, mesmo em isolamento total ou parcial, os religiosos tentaram manter o contato com os componentes das casas e fiéis, sendo de forma remota através das redes sociais, ou arriscando-se ao abrir exceções em determinados momentos. O que não foi deixado de lado foi a missão de ajudar aqueles que buscaram assistência, demonstrando a não passividade dos religiosos diante os desafios da pandemia.

Quanto aos auxílios procurados pelos consulentes, notou-se que não houve grandes mudanças na natureza destas assistências, apenas na frequência em que foram buscadas, tendo em vista que no início da pandemia o número de buscas reduziu consideravelmente. Mesmo diante deste cenário, as populares assistências relacionadas ao amor, prosperidade e saúde espiritual continuaram sendo as preferidas dos clientes dos terreiros, e apesar de todo o pavoroso cenário pandêmico as demandas relacionadas à Covid-19 não se fizeram tão presentes quanto o esperado.

Aqueles que buscaram auxílios relacionadas a doença, motivados pela fé ou pela influência de notícias falsas como no caso da procura pelo chá da Quina, receberam de uma forma ou de outra algum tipo de conforto através da ajuda espiritual e da medicina tradicional. Este fato mostra que, apesar de alguns religiosos defenderem a ideia de que a morte não é o fim e que a humanidade vive com a pandemia um momento cíclico evolutivo, de nenhuma maneira os indivíduos devem ficar passivos diante de doenças e da morte; a saúde e a vida devem ser preservadas sob quaisquer circunstâncias.

A religião faz parte da identidade dos sujeitos exercendo influência no modo de viver, de encarar as adversidades e compreender o mundo. Mesmo quando questionados sobre seus pontos de vista a respeito da pandemia, muitos dos religiosos afirmaram que iriam responder por sua perspectiva, sem influência da religião, era claro a presença desta em suas respostas, afinal, não é possível simplesmente desprender-se de algo que compõe seu modo de ser.

A questão trabalhada com os entrevistados sobre as razões de estarmos passando por uma pandemia abriu um amplo debate sobre o tema, onde mesmo ao apresentarem compreensões semelhantes, como a questão evolutiva e a vontade de Deus, a perspectiva quanto a estes pontos divergem em vários aspectos. Para alguns religiosos a pandemia foi apresentada como uma ideia de evolução ligada a uma exigência de melhora da humanidade em relação ao meio ambiente e com seus semelhantes, ou seja, como uma resposta da natureza pela destruição

ocasionada pelos seres humanos a esta e a si mesmos. A evolução também foi compreendida como parte de um ciclo espiritual natural, como algo que já estava previsto a acontecer, com data e hora para começar e acabar.

Para a maioria dos entrevistados a pandemia foi entendida como uma “vontade de Deus”, e mesmo nesse momento estes apresentaram visões diferentes quanto às motivações do sagrado ao permitir tal situação. Foi possível perceber a ideia do Deus vingador, aquele que comanda com mãos de ferro, e do Deus justo e benevolente, que não pune, mas ensina.

Seja pela perspectiva de punição ou de ensinamento divino o que pode ser destacado aqui é essa presença marcante do cristianismo nas respostas apresentadas. É de conhecimento prévio que o catolicismo exerceu fortes intervenções no princípio destas religiões, porém, apesar que em boa parte do país essa influência já não se faz tão presente e busca-se resgatar as raízes africanas, aqui é observado esse pensamento fortemente cristão, a ponto que as entidades pertencentes ao panteão do candomblé e da umbanda pouco foram mencionadas durante esse momento da entrevista. Ainda que existam muitos debates a serem feitos com base no que aqui foi relatado, fica aqui evidenciado a força e a resistência do grupo trabalhado em lidar com o cenário de calamidade, onde estes encontraram uma forma de permanecer vivenciando sua fé e prestando a ajuda necessária para a extensa comunidade de fiéis e simpatizantes do candomblé e da umbanda em Macapá.

Referências bibliográficas

ALMEIDA NETO, Luiz Euzébio de. **Mitos e verdades sobre o uso de produtos naturais no tratamento e prevenção da Covid-19**. 2021. 42 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Farmácia) - Departamento de Farmácia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

ARTAXO, Paulo. **As três emergências que nossa sociedade enfrenta: saúde, biodiversidade e mudanças climáticas**. Estudos Avançados [online]. 2020, v. 34, n. 100, pp. 53-66. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.005>>. Epub 11 Nov 2020. ISSN 1806-9592.

BARATA, Lurdes. **As epidemias e pandemias na história da humanidade**. Disponível em: <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/99/epidemias-e-pandemias-na-historia-da-humanidade>. Acesso em 30 de junho de 2021.

BARTH, Wilmar Luiz. **A religião cura?** Teocomunicação, Porto Alegre, v.44, n. 1, p. 97-121, jan-abr. 2014.

BRASIL. AMAPÁ. Secretária de Estado da Administração do Amapá. Gabinete do Governador. **Decreto Nº 1414. DE 19 de março de 2020**. Amapá, 2020.

CARVALHO, Ana Cecília Bezerra. SOARES NETO, Julino A. R. **Não se deve usar “chá de quina” para o tratamento ou prevenção da COVID-19**. Planfavi – SISTEMA DE FARMACOVIGILÂNCIA PLANTAS MEDICINAIS. CEBRID, UNIFESP. ISSN: 2596-1918 Nº 55 julho/setembro 2020.

CORDEIRO, Maria da Conceição da Silva. **Doença de feitiço, ações terapêuticas e os percursos de cura em terreiros de umbanda e candomblé em Macapá-AP**. 2016. 228f. - Tese

(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2016.

DUARTE, Phelipe Magalhães. **COVID-19: Origem do novo coronavírus**. Braz. J. Hea. Rev., Curitiba, v. 3, n. 2, p.3585-3590 mar./apr. 2020. ISSN 2595-6825.

DURKHEIM, Émile. **As Formas elementares da vida religiosa – o sistema totêmico na Austrália**. (Livro I Questões preliminares. Cap. I – Definição do fenômeno religioso e da religião). Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Bruxaria, Oráculos e magia entre os Azande**. (Apêndice IV - Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo). Tradução: Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

GALHARDI, Cláudia Pereira; FREIRE, Neyson Pinheiro; MINAYO, Maria Cecília de Souza; FACUNDES, Maria Clara Marques. **Fato ou fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, 25(Supl.2):4201-4210, 2020.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. (Parte III: 4 – A religião como sistema cultural) Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

JOURDAN, Camila. **Revolta e suicídio na necropolítica atual. Para transformar o momento suicidário em momento revoltoso**. In CABELO, Mariangela. GHIRALDELLI Jr, Paulo. Pandemia e pandemônio: Ensaio sobre biopolítica no Brasil. CEFA Editorial. São Paulo, 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O feiticeiro e sua magia**. In Antropologia Estrutural, pp. 193-123. Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro. 1975.

LIMA, Márcia. **O uso da entrevista na pesquisa empírica**. In Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo. Sesc São Paulo/CEBRAP. São Paulo, 2016.

LUCCHETT, Giancarlo. GRANERO, Alessandra Lamas. BASSI, Rodrigo Moderna. LATORRACA, Rafael. NACIF, Salete Aparecida da Ponte. **Espiritualidade na prática clínica: o que o clínico deve saber?** *Rev. Soc. Bras. Clín. Méd.*; 8(2) mar.-abr. 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

MARQUES, Rita de Cássia. PIMENTA, Denise Nacif. SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. **A pandemia de Covid-19: Interseções e desafios para a história da saúde e do tempo presente**. Coleção História do Tempo Presente: Volume III, p.225 – 249.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70; 1988.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. São Paulo, N-1 Edições, 2018.

NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. **Candomblé e Umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no Brasil**. RBSE, 9 (27): 923 a 944. ISSN 1676-8965, dezembro de 2010.

PEREIRA, Decleoma Lobato. **O candomblé no Amapá: história, memória, imigração e hibridismo cultural**. 2008. 229 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.

NEGRÃO, Lisías Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada: Formação do campo umbandista em São Paulo**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

_____. **Magia e Religião na Umbanda**. Revista da USP, São Paulo, v. 31, p. 76-89, 1996.

OLIVEIRA, Roberto Oliveira de. **O trabalho do antropólogo**. Capítulo 01. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15, 2006.

PIMENTEL, B. R.; PORTUGAL, F. S. **Breves considerações sobre os caminhos da Umbanda**. Revista África e Africanidades, v. Ano IV, p. 1-10, 2011.

PRANDI, Reginaldo. **As religiões afro-brasileiras e seus seguidores**. Civitas – Revista de Ciências Sociais v. 3, nº 1, jun. 2003. P. 15-33.

_____. **Mitologia dos orixás**. São Paulo. Companhia das Letras, 2013.

RICON, Paul. **Coronavírus: há alguma evidência de que o sars-cov-2 tenha sido criado em laboratório?** Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52506223>. Acesso em 10/03/2022.

RIVAS, Maria Elise. **Terreiro fechado ou aberto? Poder de decisão dos sacerdotes e sacerdotisas frente à pandemia**. Revista Estudos Afro-Brasileiros, Itanhaém, v. 1, n. 2, p. 19-320, set./dez. 2020.

SCHNEIDER, Sergio et al. **Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação**. Estudos Avançados [online]. 2020, v. 34, n. 100 pp. 167-188. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.011>. Epub 11 Nov 2020. ISSN 1806-9592.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. 5 ed. – Selo Negro. São Paulo. 2005.

_____. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. 1ª ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SPEZANI, Renê dos Santos. GOMES, Antônio Marcos Tosoli. BRANDÃO, Juliana de Lima.

SANTOS, Livia Fajin de Mello. GONÇALVES, Carla Cristina. **Pensamentos de umbandistas da Cidade do Rio de Janeiro sobre a pandemia da COVID-19: interfaces entre saúde e sociedade**. Research, Society and Development, [S. l.], v. 9, n. 12, p. e33691211154, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i12.11154. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11154>.

TOLEDO, Karina. **Estudo mostra alta prevalência de depressão, ansiedade e estresse pós-traumática após a COVID-19.** Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/estudo-mostra-alta-prevalencia-de-depressao-ansiedade-e-estresse-pos-traumatico-apos-a-covid-19/37867/>.

Acesso em: 11/03/2022.